

UMA REVISTA DE TERRA, MAR E AR: O PERÍODO POLIESPORTIVO DE FLUIR

Rafael Fortes*

Resumo: Conhecida como principal revista de surfe do Brasil, *Fluir*, quando de seu lançamento, em 1983, tinha como subtítulo “Terra, Mar e Ar” e se dedicava a três modalidades esportivas: surfe, bicicross e vôo livre. Na segunda edição, incorporou o skate. Esta situação – à qual se propõe denominar *período poliesportivo* – durou cerca de um ano, até que os esportes fossem abandonados um a um e restasse apenas o surfe. Este trabalho busca discutir o discurso da publicação a respeito das modalidades associadas a terra e ar (bicicross, skate e vôo livre), chamando a atenção para diferenças e semelhanças na construção imagética das três em relação ao surfe, que ocupava o centro das atenções. Por exemplo, o bicicross é apresentado como um esporte “limpo”, ao contrário do skate, que, segundo um colunista, tem por objetivo “horrorizar as massas”.

Palavras-chave: revista; esportes radicais; anos 1980.

Abstract: Known as the main Brazilian surf magazine, *Fluir*, when first issued, back in 1983, had the subtitle “Land, Sea, and Air”, and covered three sports: surfing, BMX, and hang gliding. On its second edition, skateboarding was included. This situation – which we call *polysporting period* – lasted for about one year, until the sports were abandoned one by one, except for surfing. This paper debates the publication’s discourse about the sport modalities associated to land and air, calling attention to differences and similarities on the representations build in comparison to surfing, which was at the center of the stage. For example, BMX is presented as a “clean” sport, unlike skateboarding, which, according to one columnist, had as goal to “horrify the masses”.

Keywords: magazine; radical sports; 1980s.

Introdução

Quando de seu lançamento, no segundo semestre de 1983, *Fluir* tinha periodicidade bimestral e cobria diferentes esportes radicais. Isto se verifica através da capa, do conteúdo e do próprio subtítulo: *Terra, Mar e Ar*.¹ Contudo, ambas as características se modificam com o tempo. A periodicidade passa a mensal em 1987. Já a escolha das modalidades cobertas varia de forma mais brusca e rápida. Na segunda edição, são quatro (entra o skate) mas, um ano depois, resta apenas o surfe. É sobre este período de cerca de um ano, em que *Fluir* cobriu sistematicamente modalidades ligadas à terra (bicicross e skate) e ao ar (vôo livre) que se debruça este artigo.

* Doutor em Comunicação (UFF). Contato: raffortes@hotmail.com.

¹ *Fluir – Terra, Mar e Ar*, ano 1, n. 1, set-out/1983.

O trabalho enfoca a fala da revista sobre as modalidades de terra e ar: bicicross, skate e vôlei livre.² A fórmula de abordar *esportes radicais* não era inédita: *Visual Esportivo*, criada em 1980, tratava de surfe, skate, asa-delta e windsurf; a extinta *Realce* cobria várias modalidades, além de moda, música e assuntos considerados de interesse dos jovens (Gutenberg, 1989, p. 187). A primeira seção expõe e analisa certas características da *revista de esportes radicais* e das representações construídas a respeito dos mesmos. Por exemplo, a própria noção de esportes radicais e os mecanismos utilizados por *Fluir* para apresentá-los como modalidades seguras e dignas de respeito, evitando abordar aspectos como acidentes, riscos e sujeição às condições climáticas. Em seguida, para conferir caráter concreto à discussão, esta se debruça sobre o bicicross, modalidade que obteve mais espaço entre as de terra e ar e gozou de uma imagem mais *limpa*.

Uma revista de esportes radicais

Sob a expressão *esportes radicais* reúnem-se práticas singulares com diferenças entre si. Por outro lado, é comum os praticantes transitarem entre mais de uma modalidade, conforme afirmam estudiosos (Dias, 2008; Ford e Brown, 2006, Souza, 2003).³ A noção de *esportes radicais* “possui interseções com outras como *esportes na natureza*, *esportes de aventura* e *esportes de ação*” (Fortes, 2009). Há quem as utilize indistintamente.⁴ Os esportes radicais diferem de esportes comuns não apenas por características da prática em si, mas por serem apropriados pelos praticantes e/ou admiradores – notadamente nos casos do skate, do surfe e do snowboard – como instâncias de construção de identidade. Neste processo, as revistas ocupam um papel preponderante como instância que se legitima para falar ao público interno – pelo conhecimento de causa e envolvimento – e, ao mesmo tempo, atrair novos interessados do público externo. Há disputas em torno de diferentes estratégias de identificação em cada modalidade – e boa parte desta batalha é travada dentro e por meio da mídia de nicho. Vão se construindo gramáticas em torno das práticas, as quais inclusive variam de uma modalidade para outra. *Fluir* tem um papel importante no processo, principalmente no caso do surfe (já que as demais modalidades são abandonadas), que se

² Cabe ressaltar que o surfe (ou melhor, “surf”) ocupa o primeiro plano em todos os exemplares do período poliesportivo.

³ Tal é o caso de personagens dos filmes *Menino do Rio* e *Garota Dourada*, datados respectivamente de 1981 e 1983.

⁴ Para se ter uma idéia da complexidade de categorias nativas existentes nas fontes, cito este trecho de um jornal da Associação de Surf de Peito Posto Cinco, com sede no Rio de Janeiro: “Os esportes de onda incluem: bodysurf – surf de peito; boogie board e belly board – surf de prancha de peito; knee board – surf de joelho em prancha pequena; surf – surf em pé em prancha grande; wind surf – surf com prancha a vela; hand surf – surf de peito com prancha de mão.” *Jornal da ASPPC*, ano 1, n. 3-4, 1987.

tornou a subcultura mais perene e forte durante os anos 1980. Seja como for, a noção de esportes radicais remete a risco, emoção, adrenalina. Neste sentido, salta aos olhos o fato de *Fluir* se dedicar ao tema, mas fazer pouquíssimas menções a perigos e acidentes – trata-se, portanto, de uma das estratégias de construção de uma imagem positiva das modalidades. Embora haja riscos evidentes e estes sejam mencionados ocasionalmente, não há cobertura sistemática de tais problemas e inexistem reportagens sobre acidentes e suas conseqüências, por exemplo. Sequer há fotos mostrando acidentes ou acidentados, sangue etc.

A preocupação de zelar pela imagem, exacerbada no caso do surfe, estava presente nas demais modalidades. A busca de respeitabilidade era difícil para adeptos de esportes considerados perigosos pelo senso comum. Um piloto de vôo livre recomenda aos neófitos que “não se deixem influenciar pelas más crenças que ainda rondam este esporte. Procurem conhecer mais de perto, tenho certeza que verão o quanto seguro está, atualmente, realizar o mais antigo dos sonhos do homem”.⁵ No bicicross, encontrei uma ou outra referência a quedas e machucados. Salvo pela disputa de interesses entre as grandes fabricantes de bicicletas, apresentou-se a modalidade como *limpa*. Contudo, uma frase solta no meio da cobertura do Campeonato Paulista de 1984 informa que as coisas não eram bem assim: “na categoria Adulto A houve muita briga, com várias fechadas, empurrões e cotoveladas.”⁶ O assunto não voltou a ser abordado, mas a menção sugere que tal ausência se deve mais à escolha editorial (de silenciar sobre a agressividade, elemento importante nos esportes e, principalmente, nas competições) do que à falta de confusões e contusões no bicicross. No skate, indicações de uso de equipamentos de segurança conviviam com a exaltação da coragem e da radicalidade. O “dicionário” feito pelo colunista Dr. Anshowinhas definiu “limite” como “uma palavra que não existe no vocabulário skatístico. Outro exemplo de palavras desse tipo? MEDO.”⁷

O rol de problemas raramente abordados inclui os climáticos, que poderiam atrapalhar ou impedir a realização de competições. Salvo nas poucas pistas cobertas de skate e bicicross, os esportes eram praticados ao ar livre, portanto encontravam-se sujeitos às intempéries: chuva, vento (direção, força; presença ou ausência), temperatura e ondas (tamanho, formação, freqüência, marés, correntes) determinavam as circunstâncias em que se davam as disputas, obrigando inclusive a cancelamentos, suspensões e adiamentos. Com exceção da condição das ondas, pouco se tocava nesses assuntos. Quando isto ocorria, era de forma discreta e pontual,

⁵ Entrevista de Roberto Cantusio a Ricardo Demasi, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 54.

⁶ “1a. Etapa do Campeonato Paulista – Salto”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 70-1.

⁷ “Dr. Anshowinhas Responde”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 73.

como na competição de vôo livre que durou muitos dias além do previsto porque choveu por uma semana seguida no Rio.⁸

Mas o que mais se dizia sobre as modalidades de terra e ar? Em virtude do volume e das características da cobertura sobre o bicicross, ele foi escolhido para ser discutido em uma seção à parte, com trechos pontuais dando conta do vôo livre e skate.

Bicicross

A dificuldade de conciliar estudos e prática esportiva – com ou sem objetivos de competição – é um dos dilemas cotidianos vividos pelos praticantes comuns, mas ignorados na revista. Referências a proibição e restrições por parte dos pais ou impossibilidade de treinar e estudar só surgiam quando se entrevistava algum atleta amador considerado promissor ou quando alguém já inserido na esfera competitiva falava sobre seu passado. As dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, inclusive pelas crianças e adolescentes que sonhavam um dia competir e profissionalizar-se, não entravam na pauta.

O objetivo declarado por *Fluir* de “desenvolver”, “estruturar” e “profissionalizar” de vez os esportes radicais no país produzia um olhar que superdimensionava o aspecto competitivo e minimizava (ou ignorava) a prática cotidiana e outras possibilidades de abordagem (cultura, estilo, curiosidades etc.). Uma nota relativa ao vôo livre revela a preocupação de explicar e defender uma linha de organização do esporte:

A APVL (Associação Paulista de Vôo-Livre), está devidamente registrada, ou seja, com existência legal. Agora todos os pilotos associados deverão cumprir a legislação, que inclusive está de acordo com as exigências do DAC (Diretório Aéreo Civil). A função da APVL não é burocratizar o esporte, mas sim organizá-lo, aumentar a sua segurança e incentivar a sua difusão.

Quem estiver interessado em praticar Vôo-Livre, o caminho certo é procurando a A.P.V.L. [...] ela lhe indicará um professor devidamente credenciado.⁹

A organização do vôo livre abrangia questões espinhosas como a relação com os militares – a ditadura estava em seus estertores, mas vigorava; o DAC integrava a estrutura do Ministério da Aeronáutica. A explicação sobre a função da APVL e a necessidade de procurá-la para ingressar no esporte sugerem a existência de divergências quanto ao processo e de escolas e instrutores não cadastrados – a linha adotada provavelmente não era a única possível e sofria críticas.

No caso do bicicross, uma matéria “reuniu as 12 principais equipes do estado de São

⁸ Nelson Veiga, “1º. Desafio Camel de Vôo Livre”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 50-3.

⁹ “Toques”, Ricardo Demasi, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 71.

Paulo para mostrar como é e como funciona aquela que é a base fundamental do bicicross: a EQUIPE DE COMPETIÇÃO”.¹⁰ Tratar competição e equipes bancadas e reunidas por patrocinadores como a “base fundamental” da modalidade constitui uma *escolha*. Como toda escolha, é parcial e passível de discussão. O problema é que raramente as preferências dos meios de comunicação se apresentam como tais. A competição, portanto, é o aspecto mais importante do bicicross *na opinião de Fluir*, mas não necessariamente na dos praticantes comuns. As crianças que infernizaram os pais para ganhar uma bicicleta estilo *cross* nos anos 1980, construíam rampas e subiam calçadas e obstáculos o fizeram porque queriam virar profissionais ou porque se divertiam? A revista passou inteiramente ao largo desta discussão.

A busca por profissionalização é articulada com o caráter “familiar” da modalidade, sempre destacado:

No cotidiano de competições de bicicross vive-se um ambiente bastante familiar, no sentido lato da palavra, e uma cena bastante comum é encontrar nas pistas famílias inteiras: pais, mães, filhos e filhas. Os pais, longe de serem meros espectadores, são ativos participantes das provas seja como comissários de pistas ou então como técnicos, algumas vezes como chefes de equipes, ou mesmo como torcedores mais fanáticos do que aqueles que se vê nos campos de futebol.¹¹

Longe de representar uma contradição em relação ao almejado profissionalismo, a atuação de pais em funções como comissário de pista (responsável por punição e eliminação de pilotos, por exemplo) é considerada uma virtude. Diferentemente do que ocorre com o surfe e o skate, não parece haver dificuldade para classificar o bicicross como um esporte saudável, positivo e apreciado pelas famílias. Vale lembrar que boa parte dos compradores de *Fluir* eram crianças e adolescentes e que, quanto menor a idade, maior a necessidade de apoio e permissão dos pais para praticar esportes radicais ou comprar produtos relativos a eles (inclusive revistas). Conseqüentemente, quanto mais os pais vissem as modalidades com bons olhos e delas se aproximassem, melhor. Neste sentido, é significativo que uma reportagem da edição anterior mencione a falta de qualificação dos comissários de pista, mas não aponte o amadorismo e a participação dos pais como uma das possíveis causas.

Salta aos olhos a diferença entre bicicross e skate no aspecto comportamental. A entrada do último trouxe um “Skate manifesto” assinado pelo editor assistente responsável pela modalidade.¹² Apresentando “o esporte do futuro, e o futuro é hoje”, aponta sua ligação com música (do “rock tradicional” para “o punk e o hardcore, a new wave e o tecnopop”), invenções tecnológicas que permitiram aprimoramento dos equipamentos (“o amanhã já

¹⁰ “Quem é quem nas equipes paulistas”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 58.

¹¹ “Quem é quem nas equipes paulistas”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 58.

¹² “Skate manifesto”, Paulo de Oliveira Brito (Anshowinhas), *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 52.

chegou à [sic] seus pés, nas fibras especiais, nos eixos de magnésio e nas rodas de uretano”), o estilo do skatista (“despontando toda a agressividade visual, nas calças tigradas, nos cabelos curtos e rentes, ou nos tênis quadriculados e fosforescentes. É o retrato do skatista debulhando e falando – FUCK YOU!”) e do esporte (“horrorizando as massas e agilizando o espaço. Skate não é moda – é ação!”). Este retrato *sujo e revoltado* do skate, incluindo um palavrão em inglês, se manterá nas edições seguintes e contrasta nitidamente com a imagem dos outros esportes, cujos agentes buscam se mostrar simpáticos, limpos, corretos etc.

Desde o início, apostou-se que o bicicross e o vôo livre iriam se desenvolver bastante no país. Novo Hamburgo era a “capital do bicicross no Rio Grande do Sul” e saudava-se a criação de associações, inauguração de pistas e realização de campeonatos em cidades do interior gaúcho, paulista e de outros estados: “é o Bicycross, crescendo dia-a-dia em todo o Brasil”;¹³ “o interior mostrando sua garra e mostrando que o skate em união com o bicicross estarão estourando como os esportes da década de 80”.¹⁴

Referindo-se à empresa que patrocinou e organizou um evento, a matéria saudava: “num país em que os pesadelos são maiores que a realidade, a audácia e a coragem de certas firmas é que nos traz um pouco de alegria e divertimento”. O final renovava os louvores: “parabéns aos patrocinadores da Copa pela impecável organização e por crer num trabalho, numa visão, num ideal que, nem mesmo essa tal de recessão, consegue atrapalhar.”¹⁵ O trabalho sério e duro de pilotos, organizadores e imprensa seria infrutífero sem a existência de empresas dispostas a investir. A conjuntura econômica de recessão vigente em 1983 constituía um motivo importante para enfatizar o elogio. Contudo, em breve a postura em relação às grandes fábricas mudaria drasticamente.

Abria-se espaço para reivindicações de praticantes sobre pistas melhores e maiores, “com o objetivo de elevar o nível e a competitividade da moçada a um padrão internacional”.¹⁶ Perguntado sobre o que fazer para o esporte evoluir e “atingir um nível profissional, especializado, organizado”, um piloto listou três necessidades: “mais incentivo [...] das grandes firmas, [...] apoio e espaço na imprensa (jornal, rádio, TV, etc.) e maior interesse do público nas corridas de federados”.¹⁷

O bicicross dependia dos fabricantes de bicicletas, que davam nome a campeonatos e

¹³ “Boletim de Campeonatos”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 60.

¹⁴ “Toques”, *Fluir* n. 4, mai 1984, p. 66.

¹⁵ Antonio Celso Fortino, “Segunda Copa Brasil Caloicross”, *Fluir* n. 2, nov-out 1983, p. 39. Na mesma edição, outra matéria cobria um campeonato realizado pela Monark e também a elogiava. Monark e Caloi eram os dois principais fabricantes de bicicletas do Brasil.

¹⁶ Alexandre Andreatta, “III Copa Monark de BMX”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 47.

¹⁷ “Quem é quem – Robin James Toogood”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 48.

equipes e detinham a propriedade das principais pistas de São Paulo. Pilotos e a própria revista solicitavam investimentos, noticiando vendas, projetos, iniciativas publicitárias e estimulando a concorrência entre os principais fabricantes, Caloi e Monark: “na briga das pistas, quem está ganhando são os pilotos de bicicross; é que a Monark, não querendo ficar por baixo de ninguém, mandou construir uma arquibancada e projetou um novo traçado para sua principal pista, aqui em SP. Quero ver a resposta da Caloi.”¹⁸

No início de 1984, afirmou-se que no ano anterior, “para a moçada jovem, o papo marcante foi outro [...]. Só se ouvia falar em bicicross [...] 1983 foi o ano da afirmação do bicicross no Brasil”.¹⁹ O editorial de julho repete que o bicicross “cresce a cada dia” e critica a postura de “certas pessoas e empresas”, que “vêm-no apenas através de uma forma imediatista, forma esta distorcida por seus interesses egoístas e mesquinhos”. Para ilustrar, aponta dois “absurdos”: o início do campeonato paulista “apenas no mês de junho, prejudicando sensivelmente o desempenho dos pilotos”; e a empresa que gastou milhões na

montagem de uma grande equipe, na construção de uma pista e na promoção de um grande evento [...] [com] publicidade em campos de futebol e ginásios de vôlei; e nega seu apoio às revistas especializadas, que dão as maiores e melhores coberturas do esporte, sob a alegação de falta de verbas. Seria cômico se não fosse trágico.²⁰

Portanto, o editorial *cobra* de uma empresa (a qual não é nomeada, mas certamente se trata de uma das duas fábricas citadas) a *recusa* a se tornar anunciante. Como esta se nega, a atitude é interpretada como um “absurdo”. O tom exaltado da queixa e a sinceridade ao revelar a negativa de pagar por um anúncio como uma das causas para a crítica são raras no contexto do jornalismo brasileiro. A matéria sobre a primeira etapa do Campeonato Paulista atribui claramente o início tardio do circuito a “políticas mesquinhas das grandes fábricas [que] paralisaram os trabalhos da Federação, demonstrando um egoísmo absoluto [...]”²¹; e conclamava ao trabalho sério “para [...] todos juntos, [...] levar o bicicross a uma posição de destaque entre os esportes nacionais”.

Na edição seguinte o bicicross foi banido, sem qualquer explicação. Apesar de todos os predicados que compunham os prognósticos efusivos de *Fluir*, a modalidade logo saiu de cena. Os fabricantes Caloi, Monark e Gallo mantinham uma equipe cada, mas não puseram anúncios em *Fluir* – postura distinta, por exemplo, daquela adotada pelo fabricante que praticamente monopolizava a venda de blocos para fabricação de pranchas de surfe no Brasil

¹⁸ “Toques”, *Fluir* n. 2, nov-dez 1983, p. 49.

¹⁹ “Bicicross 83-4”, Antonio Celso Fortino e Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 42-4.

²⁰ “Editorial”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 4.

²¹ “1a. Etapa do Campeonato Paulista – Salto”, Alexandre Andreatta, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 70-1.

e no mundo. As empresas podem ter vendido muitas bicicletas, mas não criaram um conjunto de consumidores ávidos por produtos de uso cotidiano ligados ao bicicross, como ocorreria com o surfe.

O vôo livre fora a primeira modalidade excluída – e a única cuja saída foi registrada.²² Durou apenas quatro edições a cobertura de terra, mar e ar. As decisões não foram tomadas com antecedência, pois o editorial de março de 1984 (em julho o vôo livre estaria fora) reafirmava o caráter poliesportivo e saudava a entrada do skate.²³ *Fluir* começou com três esportes, aumentou para quatro e acabou reduzindo seu foco a um.

A mudança tem a ver com a realidade concreta dos anos de 1983 e 1984 e as perspectivas futuras de lucro com as modalidades e seus respectivos anunciantes. Uma das razões para a alteração é que certos esportes não desenvolveram um estilo de vida próprio – ou, ao menos, um estilo de vida ligado a consumo e que se espalhasse para além dos praticantes. A escolha é um sintoma da diferença entre as marcas de surfe e as demais no plano comercial. As condições de produção, circulação e consumo no domínio do surfe são diferentes do bicicross e do vôo livre. O primeiro combina empresas, subcultura e mercado fortes. Como conseguir anunciantes ligados ao vôo livre, por exemplo, com seus equipamentos caros e importados? Ademais, o surfe produz uma dinâmica de identificação com admiradores que não ocorre nas modalidades citadas.

Breves considerações finais

Uma publicação como *Fluir* tende a se constituir em espaço privilegiado para anúncio de empresas diretamente ligadas ao(s) setor(es) que cobre. Desde a capa do primeiro número, apresentou uma quantidade razoável de anúncios. Predominavam marcas de produtos de alguma forma ligados ao surfe (roupas, equipamentos e acessórios) e/ou ao ambiente praiano (biquínis, camisetas, bonés, óculos escuros, sandálias etc.). Em número significativamente inferior estavam as marcas ligadas a vôo livre, bicicross e skate. Ao longo das primeiras edições, estreitou sua temática para focar-se exclusivamente no surfe. O projeto editorial caminhou passo a passo com os anúncios.

O objetivo de fazer os esportes crescerem e se profissionalizarem estava diretamente ligado à necessidade de anúncios para garantir a sobrevivência da publicação. Esta esforçou-se para ressaltar traços positivos e silenciar sobre dificuldades e limites conjunturais e estruturais. Por exemplo, aspectos como a participação dos pais na organização e na direção

²² “Editorial”, *Fluir* n. 5, jul 1984, p. 4.

²³ “Editorial”, *Fluir* n. 3, mar 1984, p. 6.

técnica das competições, longe de constituírem um problema (devido à possibilidade de favorecimento de certos competidores), foram saudadas como uma virtude do bicicross. Percebe-se, portanto, o engajamento da mídia de nicho na estruturação dos esportes radicais e na construção de representações em torno dos mesmos. Esta atuação, contudo, acabou restringida pela situação econômica objetiva, e as modalidades que não proporcionaram investimento significativo na revista, sob a forma de anúncios, acabaram descartadas.

Referências bibliográficas

- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves (2008). *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri. (Sport: História)
- FORD, Nick; BROWN, David (2006). *Surfing and social theory: experience, embodiment and narrative of the dream glide*. London & New York: Routledge.
- FORTES, Rafael (2009). Os anos 1980, a juventude e os esportes radicais. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. Unesp. (no prelo)
- GUTENBERG, Alex (1989). *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Grupo Fluir/Ed. Azul.
- SOUZA, Ana Maria Alves de (2003). “Evoluindo”: *mulheres surfistas na Praia Mole e Barra da Lagoa*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0142.pdf>. Acesso em 27/12/2006.
- THORNTON, Sarah (1996). *Club cultures: music, media and subcultural capital*. Hanover (NH, EUA): Wesleyan University Press/University Press of New England.